



Etnografia no Quilombo Nogueira: história de luta e resistência de um quilombo urbano em Montes Claros (MG)

Ethnography in Quilombo Nogueira: history of struggle and resistance of an urban quilombo in Montes Claros (MG)

Etnografía en el Quilombo Nogueira: historia de lucha y resistencia de un quilombo urbano en montes claros (MG)

Virginia Marinely¹

Resumo: Quilombos foram locais onde pessoas escravizadas se instalavam em um território para lá começar a vida, cuidar da família, plantar, colher, praticar suas crenças e costumes. No decorrer da história do Brasil, foi se tornando sinal de luta e resistência, pois tornaram-se também alvo de perseguição ou cobiça, de quem desejava tomar ou apropriar-se do espaço desses grupo. Não foi diferente com o Quilombo Nogueira, um quilombo, na cidade de Montes Claros que hoje já faz parte da área urbana, pelo crescimento e urbanização da cidade. Esse trabalho conta da experiência, mesmo rápida de contato com esse grupo, que como outros quilombos, carregam uma história marcada por trabalho, luta e resistência para se manterem no local, criar suas famílias, praticar suas crenças. O trabalho etnográfico permite um “olhar de dentro e de perto” para essa realidade, tão carregada de preconceitos, mas que como qualquer outro povo, têm direito ao reconhecimento, moradia, sustento e livre exercícios de suas práticas.

Palavras-chave: Quilombo. Urbano. Resistência. Etnografia.

Abstract: Quilombos were places where enslaved people settled in a territory to start their lives, take care of their families, plant, harvest, practice their beliefs and customs. Over the course of Brazil's history, it became a sign of struggle and resistance, as they also became targets of persecution or greed by those who wanted to take over or appropriate the space of these groups. It was no different with Quilombo Nogueira, a quilombo, in the city of Montes Claros, which today is already part of the urban area, due to the growth and urbanization of the city. This work tells of the experience, even brief contact with this group, which, like other quilombos, has a history marked by work, struggle and resistance to remain in the place, raise their families, practice their beliefs. Ethnographic work allows an “inside and close look” at this reality, so full of prejudices, but which, like any other people, have the right to recognition, housing, sustenance and free exercise of their practices.

Keywords: Quilombo. Urban. Resistance. Ethnography.

¹ Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES, Montes Claros (MG), Brasil. E-mail - virginiamarinely@gmail.com



Resumen: Los quilombos eran lugares donde los esclavos se asentaban en un territorio para iniciar su vida, cuidar de sus familias, plantar, cosechar, practicar sus creencias y costumbres. A lo largo de la historia de Brasil, se convirtió en un signo de lucha y resistencia, así como también se convirtió en blanco de persecución o codicia por parte de quienes querían apoderarse o apropiarse del espacio de estos grupos. No fue diferente con el Quilombo Nogueira, un quilombo, en la ciudad de Montes Claros, que hoy ya forma parte del área urbana, debido al crecimiento y urbanización de la ciudad. Esta obra narra la experiencia, aunque sea breve, del contacto con este grupo, que, como otros quilombos, tiene una historia marcada por el trabajo, la lucha y la resistencia para permanecer en el lugar, criar a sus familias, practicar sus creencias. El trabajo etnográfico permite una “mirada desde dentro y de cerca” a esta realidad, tan llena de prejuicios, pero que, como cualquier otro pueblo, tiene derecho al reconocimiento, a la vivienda, al sustento y al libre ejercicio de sus prácticas.

Palabras-clave: Quilombo. Urbano. Resistencia. Etnografía.

Introdução

Proposto em sala de aula como atividade prática para a disciplina de Metodologia Qualitativa II, ficou acertado com a turma do 4º período de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES, a visita ao Quilombo Nogueira, um quilombo urbano, na cidade de Montes Claros, localizado na Av. Sebastião Gama, 511, bairro Camilo Prates. A visita tem por objetivo experienciar um trabalho de campo através da observação participante nesse território objeto de luta e resistência dos afrodescendentes.

Segundo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, Minas Gerais é o segundo maior Estado brasileiro com localidades quilombolas², mas ainda um pequeno número dessas, reconhecidas oficialmente e delimitada. O órgão responsável a nível federal para regularização de territórios quilombolas é o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA. E o responsável por atestar a identidade da comunidade é a Fundação Cultural Palmares.

Imagem 1: Localidades quilombolas por unidade de federação: 2019



² IBGE, 2020.

O Decreto nº. 4.887, de 2003 define território quilombola, no art. 1º, parágrafo 2º: “São terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos as utilizadas para a garantia de sua reprodução física, social, econômica e cultural” e no parágrafo 1º “Para os fins deste Decreto, a caracterização dos remanescentes das comunidades dos quilombos será atestada mediante autodefinição da própria comunidade”, ou seja, o reconhecimento como quilombola se dá em primeiro por aqueles que habitam o local e se reconhecem como tal, pela sua história de vida e herança dos antecedentes. Está na lei, mas na prática, o processo é bem mais burocrático e demorado do que deveria, além de envolver lutas com poderes econômicos e políticos, que geram conflitos, disputas e sofrimento para os envolvidos.

O termo quilombola ainda soa pejorativo para muitos, seja para os “de dentro”, que podem sofrer preconceitos, seja para os “de fora” que usam ao referir-se àqueles que lá habitam. Isso porque os espaços, além de ser alvo de disputa política, é muitas vezes objeto de preconceito e distanciamento, seja pela cor, raça, costumes ou religião. Leite (2000) resgata algumas definições para o termo, que em síntese podemos dizer como termo usado para indicar aqueles que pertencem a um quilombo – espaço territorial – onde negros descendentes de pessoas escravizadas no Brasil, foram ocupando e se instalando, a fim de seguirem suas vidas, criar a família e conservar as práticas culturais e religiosas, com grande capacidade organizativa.

O reconhecimento desse espaço é motivo de luta política e seus habitantes sofrem represália pela luta em prol da preservação de seus territórios e culturas. Mas também temos de falar da segregação desses grupos, haja vista “evidências de que um processo de segregação residencial dos grupos de fato ocorreu, bem como o deslocamento, o realocamento, a expulsão e a reocupação do espaço” (LEITE, 2000, p. 339)

Nos últimos vinte anos, os descendentes de africanos, chamados negros, em todo o território nacional, organizados em associações quilombolas, reivindicam o direito à permanência e ao reconhecimento legal de posse das terras ocupadas e cultivadas para moradia e sustento, bem como o livre exercício de suas práticas, crenças e valores considerados em sua especificidade. (LEITE, 2000, p. 334)

O que vimos no Quilombo Nogueira foi também uma história de luta, na tentativa de seu patriarca, o Sr. Florentino José Nogueira, de adquirir um local para se instalar com sua família e hoje, com seus descendentes, de reconhecimento e direito a permanecer no local.

Esse trabalho buscou conhecer a realidade do Quilombo Nogueira, que como outros enfrentam dificuldades e desafios para terem seus direitos reconhecidos e território preservado. A visita ocorreu no dia 27 de maio de 2023, uma tarde de sábado. Os acadêmicos do 4º período Julia, Gabriel, Melissa, Alice, Jennifer e Virgínia, com a professora orientadora Cláudia Luz de

Oliveira, se encontraram em frente ao prédio 2, na UNIMONTES, Campus Prof. Darcy Ribeiro e saíram às 14h20 em um veículo escolar dirigido por João Paulo, funcionário da Universidade, que nos conduziu até o local. Fomos muito bem recebidos pelo Jair e sua sobrinha Vanessa. A vista se encerrou às 16h48.

Imagem 2: Foto do grupo no encerramento da visita³



Fonte: Trabalho de campo.

Metodologia

Para Brandão (2007), o trabalho de campo é uma vivência, uma construção de uma relação de produção de conhecimento, ele assim define:

O trabalho de campo, a pesquisa antropológica, para mim, é uma vivência, ou seja, é um estabelecimento de uma relação produtora de conhecimento, que diferentes categorias de pessoas fazem, realizam, por exemplo, antropólogo, educador e pessoas moradoras de uma comunidade rural, lavradores, mulheres de lavradores, pequenos artesãos, professoras das escolas e assim por diante. (BRANDÃO, 2007, p.12)

A experiência do campo passa por uma relação de troca, de gestos, sinais, palavras, olhares, o pesquisar precisa estar atento a tudo, todos os detalhes importam, tudo revela. Por isso é também uma experiência subjetiva. Brandão ainda trata sobre as entradas no campo: uma “chamada para a pesquisa”, o “chegar para conhecer a comunidade” ou um “levantamento prévio” e a outra, quando já se sabe o que se deseja pesquisar e a entrada no campo se desenrola pelo envolvimento pessoal do pesquisador com as pessoas. Por isso, esse trabalho contou com

³ Disponibilização das imagens autorizada pelos participantes.

algumas instruções prévias, encontros, roteiros, leituras e afinações para “entrada” no campo do Quilombo Nogueira, que nos permitiu “afinar o olhar” e direcionar as perguntas.

Outra metodologia no trabalho, foi a observação participante, metodologia usada tanto na antropologia quanto na sociologia, porém com abordagens diferentes:

enquanto a antropologia busca o ‘sentido das coisas para melhor compreender o funcionamento de uma sociedade primitiva, ou de um grupo humano, a sociologia fá-lo porque acredita que toda a organização societal está assentada nos ‘sentidos’, nas ‘definições’ e nas ‘ações’ que indivíduos e grupos elaboram ao longo do processo de ‘interação simbólica’ do dia a dia. (HAGUETTE, 2010, p. 63)

Portanto, o conceito mesmo com diferentes abordagens dentre essas duas áreas das ciências sociais, cada um acrescenta um componente ao termo. O que nos interessa aqui é mostrar como essa metodologia implica “envolvimento maior do pesquisador, um compartilhar, não somente com atividades externas do grupo, mas com processos subjetivos – interesses e afetos que se desenrolam na vida diária dos indivíduos e grupos” (KLUCKHOLN In HAGUETTE, 2010. p. 67) e que corresponde ao que Oliveira (2000) bem descreve nos atos de olhar e ouvir:

Nesse sentido, os atos de Olhar e de Ouvir são, a rigor, funções de um gênero de observação muito peculiar, por meio da qual o pesquisador busca interpretar (melhor dizendo: compreender) a sociedade e a cultura do Outro "de dentro", em sua verdadeira interioridade. Tentando penetrar nas formas de vida que lhe são estranhas, a vivência que delas passa a ter cumpre uma função estratégica no ato de elaboração do texto, uma vez que essa vivência- só assegurada pela observação participante "estando lá" - passa a ser evocada durante toda a interpretação do material etnográfico no processo de sua inscrição no discurso da disciplina. (OLIVEIRA, 2000, p. 31)

Como resultado desse trabalho, apresentamos uma etnografia do que foi visto, percebido, tocado, sentido e apreendido no trabalho de campo, buscando relatar a experiência.

A etnografia, segundo Geertz (2008) é uma atividade densa, “de interpretar e elaborar uma leitura que os nativos fazem da própria cultura”, nisso consiste o fazer da antropologia para ele e “são os antropólogos que fazem”.

Segundo a opinião dos livros-textos, praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante. Mas não são essas coisas, as técnicas e os processos determinados, que definem o empreendimento. O que o define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma "descrição densa", tomando emprestada uma noção de Gilbert Ryle. (GEERTZ, 2008, p. 4)

Contudo, Geertz, está dentro de uma perceptiva de uma antropologia interpretativa, trazendo para atualidade, Caldeira (1988) traz:

Os autores pós-modernos vão tentar romper tanto o caráter de separação das culturas, quanto o de recriação da totalidade. Para eles a etnografia não deve ser uma

interpretação sobre, mas uma negociação com, um diálogo, a expressão das trocas entre uma multiplicidade de vozes. (CALDEIRA, 1988, p. 141)

Portanto, não se trata de interpretar, mas relatar a experiência vivida no campo “tudo o que o antropólogo pode fazer em seus textos é inscrever processos de comunicação em que ele é apenas uma das muitas vozes.” (CALDEIRA, 1988, p. 142). Nesse sentido, o que apresentamos a seguir, para fins desse trabalho, é uma breve etnografia, do que foi experimentado no campo, talvez não tão densa como propõe Geertz, mas dentro daquilo que o pouco tempo que a prática nos permitiu observar.

Relato do caso

Como dito anteriormente, o grupo saiu da Universidade as 14h20 e dirigiu-se até o local. Percorremos algumas das principais avenidas da cidade: Av. Correia Machado, Av. Deputado Esteves Rodrigues, Av. Leonel Beirão de Jesus, entrando no bairro Morrinhos, passando pela Av. Dos Militares, onde está o Colégio Tiradentes e em frente o 10º Batalhão de Polícia Militar. Seguindo para o bairro Jardim Delfino e Jardim Palmeiras e depois no sentido sempre em frente. Um trânsito tranquilo, visto que era um sábado à tarde. A referência da localização vai nos dizer mais tarde o motivo do quilombo está localizado após o Batalhão, pois o senhor Florentino quando veio de Varginha na década de 60, veio como militar e buscou uma área próxima para depois se instalar com sua família. Terminando o bairro Delfino Magalhães, já observamos uma região mais simples, a dizer pela própria forma de ocupação, qualidade do asfalto, organização das casas e ruas. Chegamos à casa 511, que além de abrigar os descendentes do Sr. Florentino e dona Clara, abriga o Terreiro de Umbanda Aldeia de Marinho e Pai Eran. Fomos recebidos pela Vanessa.

Vanessa é uma mulher de cerca de 40 anos, casada na umbanda e se orgulha ser a primeira a conseguir realizar seu casamento no quilombo. Vanessa chama e nos apresenta seu tio e pai de santo, Jair Nogueira – pai Jair –, que conduzirá o grupo e responderá nossos questionamentos. A Vanessa, embora tímida, participa algumas vezes. Seu tio diz que ela está se preparando para ser uma mãe de santo, ao que ela lança um olhar desconfiado. Mais tarde, caminhando pelo terreno, ela me confessa que assumir esse papel será de uma grande responsabilidade, ela deseja, mas quer estar segura de que é esse mesmo seu caminho. Senti responsabilidade e profundo respeito em sua fala. Vanessa faz curso superior de Serviço Social, na modalidade EAD, na UNICEL, segundo ela, a modalidade é mais acessível, devido também a distância até um local de aula presencial, por exemplo a Unimontes. Isso me fez refletir a

problemática do acesso a cidade desses grupos periféricos e afastados da região central. Ainda que no perímetro urbano, falta acesso a muitas coisas, transporte é uma delas, que interfere, nesse caso, no acesso à educação.

Voltemos a origem do quilombo, segundo nos conta Jair Nogueira. Sua história se resume quando o Sr. Florentino, cuja mãe foi escrava, muda-se para Montes Claros e decide mudar seu nome para Florentino José Nogueira – até então os escravos tinham sobrenome do seu “senhor” –, segundo Jair, ele mesmo escolhe esse sobrenome e inicia uma nova vida. Muda-se para Montes Claros no ano de 1956 e por volta do ano de 1959 começa trabalhar no batalhão da polícia militar de Minas Gerais, como soldado. Tudo começa quando o Sr. Camilo Prates proprietário de uma antiga fazenda nas proximidades do atual batalhão, vende o terreno para o atual coronel da época e o Sr. Florentino negocia a troca do terreno pela fabricação de tijolos, nas palavras do Jair, uma “negociação pela palavra”. O Sr. Florentino começa a trabalhar intensamente, com outros ajudantes, na produção de tijolos para a construção do batalhão, que fica pronto em 1964. Sr. Florentino conhece dona Clara e os dois se casam. Ela é natural da Bahia e já pertencia a umbanda. No terreno ele se instala com sua família e começa criar animais e plantio. O quilombo, tem uma grande lagoa e o barro do terreno é propício para a confecção dos tijolos, foi o motivo do Sr. Florentino se instalar ali. Lá ainda encontramos um minador, cuja nascente fica na fazenda vizinha. Segundo relato, toda a lagoa é do território, até a outra margem. A água é simbólica para a umbanda, porque é nesse local, que também de muita mata, que eles realizam seus rituais e trabalhos, todo o território tem um sentido, uso e significado.

Imagem 3: Lago no Quilombo Nogueira



Fonte: trabalho de campo.

A fabricação de tijolos é o trabalho do sr. Florentino por anos, segundo relata a família. Porém, com a mudança de direção do batalhão, o novo comandante não reconhece a negociação e exige a retirada do sr. Florentino e sua família do terreno, a partir daí, inicia-se uma luta judicial até hoje.

Sr. Florentino e dona Clara tiveram 16 filhos, hoje 10 vivos, alguns seguiram na umbanda, como o Jair e Vanessa, outros seguiram por outros caminhos. Umbanda é uma “religião brasileira, que sincretiza vários elementos do catolicismo, do espiritismo e das religiões afro-indígena-brasileiras, se irradiou-se a partir do Rio de Janeiro, com uma tradição espiritual originada no culto dos bantos às almas dos antepassados”⁴. Na imagem 4, vê-se imagens de santos católicos e orixás das crenças africanas.

Imagem 4: Altar de umbanda no Quilombo Nogueira



Fonte: trabalho de campo.

A mãe da Vanessa, que já foi mãe de santo, hoje é evangélica. Outro irmão do Jair é pastor da Comunidade Cristã Pentecostal, localizada ao lado do quilombo. Jair é a terceira geração do terreiro. Mas segundo nossos informantes, isso não é um problema, todos se dão bem e respeitam uns aos outros e que quando alguém começa criar acaso, ele, Jair, chama todos e coloca “as coisas no lugar”.

⁴ UNICAP. UMBANDA. Disponível em < https://www1.unicap.br/observatorio2/?page_id=207 > acessado em 25 jun. 2023 as 18h35.

Jair também se reconhece como homossexual e contou-nos ter estudado até a quinta série do ensino fundamental, na escola do bairro vizinho, porque sofreu preconceitos relacionados a sua orientação sexual e por isso decidiu abandonar os estudos.

O Jair hoje além dos trabalhos da Umbanda, sempre com muitas demandas, festas e rituais, se dedica a horta e cuidado dos animais, não na mesma intensidade do pai, por falta de recursos e mão de obra para ajudar.

Na família Nogueira, hoje, há somente duas pessoas com curso universitário, ambos obtidos em instituição particular de ensino. Relatam não terem conseguido acessar o ensino superior público. A filha da Vanessa, que chegou depois disse que pretende fazer curso superior em mecatrônica, mas ainda está avaliando, porque o curso não tem na cidade e mudar-se seria mais complicado.

O quilombo, através do laudo antropológico de 2015, foi certificado como remanescente de quilombo pela Fundação Cultural Palmares, processo nº 01420.100136/2017-97, certificado Portaria nº 115/2018, de 26/04/2018, mas até hoje vive conflitos com o Batalhão da Polícia Militar, sendo ameaçados e intimidados. Um candidato a vereador da cidade, policial, uns anos atrás, começou a construção de um muro no território, na tentativa de restringir o acesso dos moradores, mas eles conseguiram parar a construção. O muro ainda está lá e foi construído posteriormente na frente para delimitar do espaço público da avenida, para segurança dos moradores, especialmente as crianças. A área do quilombo é de 11,7 ha, mas atualmente estão restritos a ocupação de 0,74 ha. O Batalhão exige a retomada do terreno e alega ter projetos para o espaço, que é do Estado de Minas Gerais. Com o reconhecimento como Comunidade Quilombola, a titulação das terras poderia ocorrer, mas o que se vê até agora, é uma morosidade para resolver a questão, enquanto isso, os quilombolas são pressionados para ceder o espaço em prol de empreendimentos imobiliários.

Considerações finais

Viveiros de Castro (2002) acredita ser a antropologia um “poderoso instrumento filosófico”, uma “filosofia com outros povos dentro” e o desafio é tomar os conceitos nativos como teoria capaz de produzir uma compreensão do mundo a partir deles próprios. Se na antropologia clássica somente a elaboração do etnógrafo era considerada, a proposta dos

modernos é fazer uma antropologia com os de dentro. Castro advoga que o nativo antes de ser sujeito ou objeto, é a expressão de um mundo possível seus conceitos projetam.

Sendo a crença uma forma de ver o mundo, a antropologia não está para julgar certo ou errado, revelar superioridade de uma cultura em relação a outra, mas de levar a sério os pensamentos do objeto estudado e refletir: “quando o propósito do antropólogo deixa de ser o de explicar, interpretar, contextualizar, racionalizar esse pensamento, e passa a ser o de o utilizar, tirar suas consequências, verificar os efeitos que ele pode produzir no nosso” Nesse sentido o que podemos aprender com o Quilombo Nogueira? Sobre seu modo de viver e enxergar a vida? Se nós, “habitantes das cidades”, olhássemos para nosso território como espaço sagrado, o que poderia ser diferente na realidade hoje? O território que hoje ocupam, para além do valor econômico e possíveis grandes projetos imobiliários, tem valor simbólico, carregado de afeto e cuidado que à primeira vista, quem está de fora, parece desperdício ou exagero, mas para os de dentro o valor é incalculável, diz muito sobre suas vidas, sobre sua história, crenças, ligação com entidades e seres espirituais. Uma compreensão impossível de se assimilar senão quando se faz uma experiência de dentro.

É notável a simplicidade no Quilombo Nogueira, não se compara as construções das igrejas cristãs, mesmos as menores, porque não é a isso que se propõem, o quilombo é para ser casa de acolhida, de encontros, de alegria, não de formalidades, lá é sempre lugar de acolher quem chega e quem precisa de ajuda. As festas dos santos e orixás são oportunidades de alegria, festa, com muita comida, bebida, música e dança. O reconhecimento do território como quilombola traz alguns benefícios, como acesso a recurso que podem trazer melhorias, mas há ainda muitos desafios. Jair e Vanessa idealizam com alguns projetos como capoeira e outros esportes, mas esbarram na dificuldade de acesso, desconhecimento e falta de apoio, enquanto isso, resistem bravamente para manter o nome e história dos descendentes do Sr. Florentino José Nogueira.

Referências:

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. Sociedade E Cultura, V. 10, N. 1, jan./jun. 2007.



BRASIL. Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm> acessado em 25 jun. 2023 as 14h49.

BRASIL. IBGE. Base de Informações Geográficas e Estatísticas sobre os indígenas e quilombolas para enfrentamento à Covid-19: Notas Técnicas. Rio de Janeiro, RJ: IBGE, 2020. Disponível em <<https://dadosgeociencias.ibge.gov.br/portal/apps/sites/#/quilombolas/datasets/9556f8bf3834b86a8cbe907a3cd0d2d>> acessado em 25 jun. 2023.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. A presença do autor e a pós-modernidade em antropologia. *Novos Estudos*, Nº 21, Julho, 1988.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: GUERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. 1 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, V. 17, N. 49, junho/2002.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: _____. *O trabalho do antropólogo*. Brasília: Paralelo 15, 2000.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O nativo relativo. *MANA* 8(1):113-148, 2002. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/S0104-93132002000100005>> acessado em 25 jun. 2023 as 21h38

Artigo submetido em: 19 de setembro de 2023.

Artigo aceito em: 27 de outubro de 2023.

Artigo publicado em: 10 de novembro de 2023.

